Mbembe, Achille. 1992. "The Banality of Power and the Aesthetics of Vulgarity in the Postcolony". *Public Culture*, 4: 2 (1992).
Meer, Nasar; Modood, Tariq. 2012. "How Does Interculturalism Contrast with Multiculturalism?". *Journal of Intercultural Studies*, 33: 2 (2012), pp. 175-196.
Meunier, Olivier. 2008a. "Éléments de comparaison des approches interculturelles et pluriculturelles en éducation en Amérique du Nord et en Europe". *La Recherche en Éducation*, 1 (2008), pp. 3-39.
——. 2008b. "Les approches interculturelles dans le système scolaire français: vers une ouverture de la forme scolaire à la pluralité culturelle?". *Socio-Logos*, 3, online (2008). URL: http://socio-logos.revues.org/document1962html.
——. 2009. "Approche méthodologique de l'interculturel en éducation". *Penser l'Éducation*, 26 (nov.-déc. 2009).
Penas Ibáñez, Beatriz; López Saenz, M. del Carmen (eds.). 2006. *Interculturalism: Between Identity and Diversity*. Berna: Peter Lang.
Perotti, António. 2003. *Apologia do Intercultural*. Lisboa: Entreculturas.
Santos, Boaventura de Sousa. 2006. *A Gramática do Tempo: Para Uma Nova Cultura Política*. Porto: Afrontamento.
——. 2008. "A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80 (2008).
Sarmento, Clara (ed.). 2010. *From Here to Diversity: Globalization and Intercultural Dialogues*. Newcastle-upon-Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
Simon, Sherry. *Gender in Translation.Cultural Identity and the Politics of Transmission*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1996.
Stewart, Kathleen. 1996. *A Space on the Side of the Road: Cultural Poetics in an "Other" America*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
Storti, Craig. 1994. *Cross-Cultural Dialogues: 74 Brief Encounters with Cultural Difference*. Boston: Intercultural Press.
——. 2007 [2001]. *The Art of Crossing Cultures*. Boston: Intercultural Press.
Tatlor, Charles. 1994. *Multiculturalism: Examining the Politics of Recognition*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
Trompenaars, Fons; Hampden Turner, Charles. 1997. *Riding the Waves of Culture: Understanding Cultural Diversity in Business*. Londres: Nicholas Brealey Publishing.
Tsing, Anna Lowenhaupt. 1993. *In the Realm of the Diamond Queen: Marginality in an Out-of-the-Way Place*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
Werbner, Pnina; Modood, Tariq.1999. *Debating Cultural Hybridity: Multicultural Identities and the Politics of Anti-Racism*. Londres: Zed Books.
Wood, P.; Landry, C.; Bloomfield, J.2006. *Cultural Diversity in Britain: A Toolkit for Cross-cultural Co-operation*. York: Joseph Rowntree Foundation.

Pega Azul
Uma Ave a Oriente e a Ocidente

Rui Rocha*

Tenho a certeza de que o Todo Poderoso ama as aves,
de contrário não lhes haveria dado asas, como aos anjos.

Axel Munthe, *O Livro de San Michel*

AS AVES NA HISTÓRIA CULTURAL DOS POVOS

No conjunto dos seres vivos que constituem a fauna do nosso planeta, as aves são, seguramente, de entre todos, os que mais têm merecido um destaque especial na história cultural, religiosa e estética dos povos.

Na verdade, o imenso fascínio que as aves têm exercido sobre os seres humanos resulta da singularidade das suas características e atributos, que as distinguem dos outros animais: o mistério do voo e das suas migrações; o esplendor das asas e da coloração das suas penas; o encanto melódico e variado dos seus trinados.

Porém, a maravilhosa, única e exclusiva capacidade de unir a terra e o céu, por virtude de notáveis características anatómicas (as asas, as penas, a configuração do corpo) e fisiológicas (o sistema respiratório, a estrutura óssea, o metabolismo) tem-lhes conferido, desde sempre, através das tradições religiosas ou populares de diferentes povos e culturas, o respeitável estatuto de mensageiras dos deuses, senão mesmo de personificação corpórea dos próprios.

Nestas tradições religiosas ou populares as aves assumem, muitas vezes, a figura de seres mitológicos como Garuda, o rei das aves que, de acordo com a mitologia hindu, transporta o Deus Vishnu; o Deus Make-Make, na ilha da Páscoa, criador do mundo, representado por um Homem-Ave com um ovo na mão; a Ave-Trovão, entidade criadora do trovão e da luz e habitualmente esculpida no topo dos totens dos clãs de diversas tribos de Índios da América do Norte, como divindade protectora; o deus da guerra Ku, o deus mais importante dos chefes tribais da ilha de Havai, representado por uma cabeça de homem com uma volumosa crista de penas, etc.

Contudo, noutras tradições religiosas as aves estão claramente identificadas com espécies da avifauna que hoje conhecemos. Na tradição egípcia, por exemplo, Thoth, o Deus do Ensino, da Linguagem, da Escrita e da Magia, bem como das Ciências, ou seja, o Medidor do Tempo, é representado com forma humana e com cabeça de íbis; Horus, um dos deuses mais importantes do Egipto antigo, o Deus dos Céus e protector dos faraós, é representado com corpo de homem e cabeça de falcão ou simplesmente como falcão; Nekhebet, a

* Com formação académica nas áreas da sociologia, antropologia e educação e interculturalidade é, desde 2012, director do Departamento de Língua Portuguesa e Cultura dos Países de Língua Portuguesa da Universidade da Cidade de Macau. Tem trabalhos publicados nas áreas da sociologia da linguagem, das relações interculturais e da história e cultura da China e do Japão.

With academic background in sociology, anthropology and intercultural education is, since 2012, director of the Department of Portuguese Language and Culture of Portuguese Speaking Countries at the City University of Macau. He has published works in the areas of sociology of language, intercultural relations and the history and culture of China and Japan.

deusa protectora do Alto Egipto, é representada por um abutre que simboliza a maternidade.

Outras aves conhecidas estão igualmente presentes em diferentes mitologias e tradições religiosas: a representação da águia encontra-se ligada ao culto de Odin, o Rei dos Deuses na mitologia escandinava; o pavão é uma ave ligada à pureza na tradição religiosa cristã (Virgem Maria, Arcanjo Gabriel) ou ao amor e à poesia, nas tradições religiosas hindu e árabe (Kama, o deus hindu do amor, montado num pavão; o planeta Vénus, planeta regente do amor na astrologia árabe, é representado por um pavão).

A pomba branca tem sido igualmente o símbolo milenar, na tradição cristã, da paz, da bem-aventurança e da mensagem de Deus: "E eis que pela tarde ela [a pomba] voltou, trazendo no bico uma folha verde de oliveira" (narração de Noé, Génesis, 8); "Eis que os céus se abriram e viu descer sobre ele, em forma de pomba, o Espírito de Deus" (Mateus 3, 16); "e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba" (Lucas 3, 22). O Papa Gregório, o Grande (590-604), adoptou a pomba como seu emblema e na estátua que lhe foi erigida, em Roma, figura uma pomba esculpida sobre o seu ombro direito.

As aves são igualmente uma parte importante da herança faunística natural dos países, propiciando uma identidade singular a cada um. Muitos países adoptam na sua simbologia nacional e regional, designadamente nas bandeiras, na heráldica do Estado ou em emblemas e logotipos, aves que representam efectivamente a marca distintiva desses países ou das suas regiões.

Dezassete países integram aves nas suas bandeiras, algumas delas identificadas como aves nacionais: a Albânia, que etimologicamente significa "terra das águias", a águia de dupla cabeça[1]; a Bolívia e o Equador, o condor-dos-Andes (*Vultur gryphus*); o Cazaquistão, a águia-das-estepes (*Aquila nipalensis*); a Dominica, o sisserou (*Amazona imperialis*), papagaio endémico; o Egipto, a chamada águia de Saladino, provavelmente a subespécie da águia-real (*Aquila chrysaetos homeyeri*); as Ilhas Fiji, uma pomba branca (*Columba livia*); a Guatemala, o quetzal-resplandescente (*Pharomachrus mocinno*), uma ave soberba da avifauna do país que personifica o deus Quetzalcoatl desde o tempo das civilizações Maia e Asteca; a República do Kiribati, a fragata-grande (*Fregata minor*); o México e a Moldávia, a águia-dourada (*Aquila chrysaetos*); o Montenegro, a águia de dupla cabeça; a Papua Nova-Guiné, a ave-do-paraíso raggiana (*Paradisaea raggiana*); a Sérvia, a águia de dupla cabeça; o Uganda, o grou-coroado-cinzento (*Balearica regulorum gibbericeps*); a Zâmbia e o Zimbabué, a águia-pesqueira-africana (*Haliaeetus vocifer*), sendo habitualmente designada e esculpida no Zimbaué em pedra-de-sabão (*soupstone bird*).

A tradição cultural chinesa, designadamente na pintura, na cultura popular e no *feng shui* 风水 é prolixa na invoção das aves como símbolos da liberdade e da felicidade tais como a águia e o falcão (*ying* 鹰), o grou (*he* 鹤), o ganso selvagem (*yan* 雁), a rola/pombo (*jiu ge* 鸠鸽), a fénix (*feng* 凤), a pega (*xi que* 喜鹊), o pato-mandarim (*yuan yang* 鸳鸯), o galo (*gong ji* 公鸡), e outros (Williams, 2006; Sung, 2009). E de tal modo importante é a força simbólica das aves na tradição cultural chinesa que mereceria por si só um artigo exclusivamente alusivo ao tema.

Em Portugal, a Região Autónoma dos Açores adoptou o açor (*Accipiter gentilis*) na sua bandeira regional, ave que, na verdade, nunca existiu nos Açores mas sim uma subespécie da águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo rotschilidi*) que é conhecida por milhafre ou queimado.

Outros países, embora não incluindo nas suas bandeiras aves, adoptam-nas como emblemas nacionais. São os casos, por exemplo, do Japão, que adoptou como logotipo para a sua linha aérea nacional, a Japan Air Lines, o grou-de-crista-vermelha (*Grus japonensis*); da França, que usa o galo (*Gallus gallus*) como distintivo nacional nas selecções nacionais desportivas; da Nova Zelândia que adopta o quivi (*Apteryx australis*), ave endémica desse país, como emblema nacional e a tal ponto marcante da sua identidade como nação que os seus soldados que com bravura lutaram na II Guerra Mundial se designavam orgulhosamente a si próprios como *kiwis*; dos Estados Unidos da América, que têm como símbolo e selo do Presidente a águia-careca(*Haliaeetus leucocephaleus*). Em suma, quarenta e cinco países do mundo integram aves na heráldica do Estado.

PEGA AZUL, A AVE NACIONAL DE PORTUGAL

Em 1964, o International Council for Bird Preservation (ICBP), ONG fundada em 1922 pelos ornitólogos americanos T. Gilbert Pearson e Jean Theodore Delacour, designada desde 1993 por BirdLife International (BLI),[2] solicitou ao emérito Professor Doutor Santos Júnior, professor de Zoologia e Antropologia da Universidade do Porto (e, na altura, presidente da Sociedade Portuguesa de Ornitologia) que indicasse àquela organização internacional a ave que, de entre as espécies da avifauna portuguesa, considerasse como ave nacional.

A BirdLife International, com sede em Cambridge, Inglaterra, é uma federação internacional de organizações nacionais de conservação das aves e protecção dos seus habitats, com representação oficial na União Europeia e em 120 países. De referir que a RAE de Hong Kong integra esta federação, embora nem a República Popular da China, nem a RAEM dela façam parte. Esta organização internacional é reconhecida como a autoridade mundial em matéria de preservação da avifauna mundial e é a responsável pela publicação do *Red Data Book* das aves em situação de extinção.

Conscientemente ou por feliz coincidência, o Professor Santos Júnior, após consultar os seus colegas do Conselho Directivo da Sociedade Portuguesa de Ornitologia e alguns sócios fundadores, escolheu a pega-azul (*Cyanopica cyanus*), que em Portugal é igualmente designada por rabilongo, rabão ou charneco, consoante as regiões onde nidifica. A razão próxima de tal escolha terá sido a peculiaridade da distribuição desta ave no contexto avifaunístico da Europa, uma vez que apenas se encontra em Portugal e em Espanha.

Mas o que é que verdadeiramente representa, na história da cultura portuguesa, esta ave que poucos portugueses conhecem?

Nos *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, de 1965 (extracto do tomo XLVIII) e a propósito da pega azul, escrevia o Professor Santos Júnior o seguinte:

> A pega azul *Cyanopica cyana (Pallas)* é uma ave exclusiva do distrito paleárctico, região holárctica, e exemplo notável de distribuição descontínua. Não se conhecem no mundo mais do que duas regiões onde esta bela ave nidifica e vive sedentária. Uma dessas regiões situa-se no sudoeste da Península Ibérica.
>
> A enorme distância que separa estas duas estações da distribuição da pega azul faz com que se constitua um notável exemplo de ave com área de dispersão descontínua.
>
> Como explicar a localização desta linda ave em duas regiões tão distantes?

"Dupla felicidade", Fang Zhenghe. Reproduzido de *Fang Zhenghe Huaniao Shangxi* 方政和画鸟赏析 (Pinturas de Pássaros de Fang Zhenghe). Fuzhou: Fujian Meishu Chubanshe, 2016

> Pode dizer-se que, noutros tempos, a área de dispersão tivesse sido contínua ao longo da bacia mediterrânica e através de todo o vasto continente asiático.
>
> É simples emitir esta hipótese. O que julgo difícil, senão mesmo impossível, é apoiá-la em quaisquer factos que a tornem aceitável ou mesmo plausível.
>
> Não sei desde quando é conhecida a pega azul na Península Ibérica. Seria interessante averiguá-lo. Será uma espécie remota ou de introdução?
>
> Pode pôr-se a hipótese de haver sido trazida do oriente pelos navegadores espanhóis ou portugueses". (Santos Júnior, 1995: 286)

O Professor Santos Júnior, neste sugestivo texto, quando se referia a outra estação de distribuição da pega azul queria referir-se à região do sueste da Ásia e, mais concretamente, à China, ao Japão, à Coreia e à Mongólia, onde a pega azul nidifica e vive sedentária.

Uma hipótese sedutora para esta distribuição tão descontínua, em que medeiam mais de 9 mil quilómetros de distância, seria a introdução desta ave em Portugal por marinheiros portugueses nos séculos XVI/XVII, provenientes ou da China ou do Japão.

Luís Filipe Barreto, no seu livro *Portugal, Mensageiro do Mundo Renascentista* (1989), expressa com grande vivacidade o ambiente cultural do mundo renascentista português:

> Portugal assume o estatuto de Mensageiro do Mundo, contaminador máximo da Europa na África, Ásia, América e Oceânia (e vice-versa). O Portugal dos séculos XV e XVI, através dos Descobrimentos, realiza-se como os olhos e os ouvidos do Mundo na Europa e da Europa no Mundo. (Barreto, 1989: 18)
>
> O lugar e o peso dos descobrimentos portugueses no aparecimento e no desenvolvimento desta cultura-mundo é decisivo, porque o seu pioneirismo […] e a sua dispersão planetária, sem qualquer paralelo ao longo dos séculos XV e XVI, representam a máxima alimentação até aos anos de 1620-30 deste planetário banco de dados, o máximo contributo informativo e formulativo para a Abertura ao Mundo." (*ibidem*: 19)

Há, no dizer do autor, uma verdadeira revolução informativa sobre o Homem e a Natureza. É frequente, por exemplo, ao longo dos séculos XV e XVI, realizarem-se mostras de animais exóticos provenientes de África, da América e da Ásia. É conhecido, a este propósito, o *Itinerário* do médico alemão Hieronymus Münzer (1437- 47?-1508), que é um relato de viagem do século XV, o qual em parte se reporta à Península Ibérica, onde foi recebido pelos Reis Católicos de Espanha e por D. João I de Portugal.

Da sua viagem a Évora (onde então residia o Rei D. João I) diz o seguinte: "À porta da igreja de S. Brás vimos parte da pele duma cobra trazida da Guiné, cobra de mais de 30 palmos de comprimento e da grossura de um homem. […] No páteo do palácio real vimos também um camelo novo e bonito, que o Rei mandou trazer da África, onde eles abundam" (Münzer, 1992: 169).

Da sua passagem por Lisboa diz também: "No mesmo monte há tamõbém o Mosteiro da Santíssima Trindade e dos Frades Menores, no qual vimos um grande crocodilo pendurado no côro e uma grande árvore chamada dragão […]. No domingo, último dia de Novembro, fomos até uma milha de distância de Lisboa, a Santa Maria da Luz […]. Aí vimos o bico de um pelicano". (*ibidem*: 173)

Valerá a pena relembrar também a faustosa embaixada de D. Manuel I ao Papa Leão X, que chega a Roma a 12 de Março de 1514. Esta embaixada, comandada por Tristão da Cunha, levava como presentes ao Papa um cavalo persa, uma onça e um elefante indiano. Damião de Goes no Capítulo LV da terceira parte da sua Chronica do serenissimo senhor rei d. Manoel, "Da embaixada, & obediencia que elRei mandou ao papa Leam" relata o seguinte:

> Alem deste pontifical lhe mandou el Rei joias de grande valor, & hum Elephante, & huma Onça de caça com um cauallo Persio que lhe mandara el Rei de Ormuz com um caçador da mesma prouincia que trazia a Onça sobelas ancas de cauallo, posta em huma coberta neruada, & dourada muito bem feita [...] no qual caminho foi sempre acompanhada de tanta gente a pé, & de cauallo que vinha ver o Elephante, que nam podia passar pelas estradas, nem entrar nos lugares senaõ com muito trabalho. (Goes, 1749: 385)

Dias (1995), afirma também a este propósito:

> De entre as embaixadas portuguesas que no século XVI Portugal enviou ao estrangeiro, assume especial relevância, pelo esplendor e grandiosidade de que se revestiu, pela magnificência dos presentes oferecidos, pelos soberbos animais que a integravam (um cavalo persa, uma onça e um insólito elefante que dava pelo nome de Anone), a que D. Manuel enviou ao papa Leão X. Saída de Lisboa no final do ano de 1513, fez a sua entrada solene na Cidade Eterna a 12 de Março do ano imediato, causando em todos os homens do tempo, desde o Soberano Pontífice até ao povo miúdo, a maior admiração e espanto. (Dias, 1995)

Valerá a pena ainda transcrever o texto do pintor alemão Dürer, citado por Martins (2014), sobre a descrição do primeiro rinoceronte indiano na Europa oferecido pelo reino de Guzarate em 1514 a Afonso de Albuquerque que o envia ao rei D. Manuel em 1515, o qual, por sua vez, é oferecido pelo rei ao papa Leão X, mas que acabou por morrer vítima de um naufrágio no golfo de Génova nos inícios de 1516:

> No ano 1513 depois do nascimento de Cristo, no dia 1 de maio, para o poderoso rei de Portugal, Emanuel, em Lisboa, foi trazido da Índia um animal vivo. Ele é chamado rinoceronte. Está representado aqui com toda sua forma. Tem uma cor como a de uma tartaruga pintada. E é recoberto com escamas grossas. E é do tamanho do elefante. Mas tem pernas mais curtas e é quase invulnerável. Tem um chifre forte e pontudo sobre o nariz. Ele começa a aguçá-lo sempre que es-tá perto de pedras. Este animal estúpido é inimigo mortal do elefante ... (Dürer, 1515)

Seria, portanto, perfeitamente plausível que os navegadores portugueses em contacto com civilizações orientais, designadamente a chinesa e a japonesa, com tradições milenares de culto da Natureza e das aves, tivessem sido tentados a transportar, para além de outros animais, mostras de aves exóticas, um pouco também ao sabor das práticas da época.

As civilizações chinesa e japonesa causaram aos navegadores e missionários europeus impressões extraordinariamente positivas e manifestações do maior respeito e admiração.

A propósito da imagem da China no Renascimento Português Luís Filipe Barreto diz o seguinte: "A China representa no universo civilizacional português do século XVI, o mundo por excelência, o lugar humano em que a condição do ser mais se aproxima do dever ser em todos os aspectos da vida humana (exclui-se em parte a religiosidade)". (Barreto, 1986: 194)

Quanto ao Japão, a imagem é igualmente de grande encantamento: "gente de muito juyzo e curiosa de saber, asi nas cousas de Deus, como nas outras cousas da sciencia" (Janeira, 1970: 41). Assim concluía São Francisco Xavier, em 1549, numa extensa carta proveniente de Kagoshima em que expressava as elevadas qualidades do povo e da cultura japonesa. Janeira reafirma também: "Como se vê, tinha o mais alto apreço pela coragem, simplicidade, orgulho e cortesia do povo japonês, bem como pela sua qualidade de inteligência e cultura" (Janeira, *ibidem*).

Embora se admita que não tivesse passado despercebido às ordens religiosas e aos navegadores portugueses o culto da natureza e das aves na China e no Japão, ainda que tal sensibilidade não estivesse muito presente na cultura portuguesa nem europeia, não deixa porém de ser estranho não haver relatos específicos sobre o culto da natureza e, mais especificamente, sobre o culto das aves, quando, por exemplo, a pintura chinesa e japonesa consignam um espaço singular dos animais no universo do conceito chinês e japonês de natureza e o xintoísmo, no Japão, é a espiritualidade tradicional do país estreitamente ligada ao culto da natureza, tendo exercido uma forte influência no budismo importado da Coreia e da China e até no próprio confucionismo.

Os belos e elegantes pórticos xintoistas, os *torii*, muitos deles de cor vermelha vibrante, estão majestosamente espalhados por todo o Japão, tanto em terra como dentro de água, marcando simbolicamente a transição do profano para o sagrado. É, de certo modo, uma porta aberta para o espaço sagrado, porém vazio, sem limites físicos. A palavra *torii* significa literalmente "repouso/pouso/poleiro das aves", estando as aves associadas a propriedades espirituais ou mágicas em muitas culturas da Ásia, embora existam outras teorias que sugerem, designadamente que torii significa "passar através e entrar"[3] (*tori-iru*).

Na verdade, a literatura poética, de ficção ou científica, em Portugal e na Europa não era, à epoca, muito abundante na perspectiva do culto da natureza e das aves. O *Livro das Aves* (*De Avibus*), um códice francês do século XI, da autoria de Hugo de Folieto, é uma excepção. Trata-se de um manuscrito estruturado em tratados autónomos sobre determinadas aves, dirigido aos "símplezes" e não aos "letrados", com o objectivo de apresentar "as suas virtudes ou defeitos com a simbologia correspondente, aplicável ao homem", como referem Mota, Matos, Sampaio e Rossi na introdução à edição crítica daquele códice (1965: 3)

SIMBOLOGIA

Na mesma introdução é igualmente referido que o códice representa uma tendência muito generalizada, na literatura medieval do Ocidente, de acrescentar uma dimensão mística à visão material dos naturalistas. Na verdade, este códice não é uma obra para-científica, sob o ponto de vista ornitológico, mas antes um breviário de valores morais e éticos antropomorficamente transpostos para cada ave que descreve. Em 1956, entendia o Padre Mário Martins que o título que mais se adequava a este códice seria T*ratado Sobrenatural das Aves* (Cenci, 2013; Matos e Silva, 2009).

Na tradução portuguesa do manuscrito, que é fragmentário, caracterizam-se as aves seguintes: a pomba (gén. *columba*), o açor (gén. *accipiter*), a rola (gén. *streptopelia*), o pardal (gén. *passer*), o galo (gén. *gallus*), o noitibó (gén. *caprimulgus*), a avestruz ou ema (gén. *struthio*), o gipeto ou quebra-ossos (gén. *gypaetus*), o grou (gén. *grus*), o milhafre ou mioto (esp. *milvus*), a andorinha (esp. *hirundus*), a cegonha (esp. *ciconia*), o pavão (gén. *pavos*) e a águia (gén. *aquila*).

Há, contudo, elementos interessantes na designação e na vida das aves aí enumeradas. O noitibó (*noytivoo*, no texto) é ainda hoje o nome vulgar da espécie *caprimulgus* e, no entanto, o texto latino tradu-lo por *nycticorax*, o que em latim significa "mocho". Mais curioso ainda é a introdução nele de espécies como o pelicano, a avestruz e a íbis, que não pertencem à avifauna portuguesa e ibérica.

E até à elaboração do *Catálogo Ilustrado das Aves de Portugal* do rei D. Carlos I (1889-1908), obra prevista para dez volumes mas da qual foram concluídos somente dois em virtude do assassinato do Rei, apenas nos damos conta de duas obras de alguma importância, mas associadas à caça: o *Livro de Falcoaria*, encomendado pelo rei D. Fernando (1345-1383) ao falcoeiro Pero Menino e o *Tratado de Cetraria*, da mesma época e do mesmo autor. O original deste tratado encomendado pelo rei D. Fernando está perdido (França, 1998).

A China e o Japão, pelo contrário, impregnaram a sua história e o seu quotidiano com o culto da natureza e das aves.

Este fascínio percorre a história da China ao longo dos milénios.[4] Os mais antigos motivos de aves inscritos em cerâmica data do início da dinastia Shang (XVI-XI a.C.) (Cheng, 2000). Os registos mais antigos deste culto foram encontrados em 1988, numa aldeia a 10 quilómetros do porto de Lianyungang, na costa este da China (província de Jiangsu). Trata-se de uma estação neolítica, datada de há 5 mil anos, onde se descobriram utensílios de cerâmica em forma de ave: asas de vasilhas, esculturas em pedra, vasos com rosto de ave, etc.

Próximo de Lianyungang existe a montanha Yuntai (Yun Taishan 云台山), que antigamente era chamada a Montanha das Penas (羽山 Yushan) por ser o refúgio de inúmeras espécies de aves de longas e belas penas. E a fartura de penas era tal que durante a dinastia Zhou (século XI a.C. a 771 a.C.) a tribo local, chefiada por Shao Wu, que terá iniciado o período totémico das aves, pagava ao imperador 41.190 longas penas por ano. Ainda hoje esta montanha alberga grous, tangarás vermelhos, mochos, falcões e muitas outras aves.

Também na cultura Yangshao (c. 5000-3000 a.C.) do Neolítico do Noroeste da China e, sobretudo a sua versão mais próspera, a cultura Miaodigou, que se distribui pelo centro de Shaanxi, sul de Shanxi e o oeste de Henan, é comum encontrarem-se imagens de aves na cerâmica desse período (Lili, 2005).

Conta-se que, em 524 a.C., Confúcio, integrado numa comitiva do reino de Lu, quis saber o motivo pelo qual as gentes do reino de Tan, que circundava a montanha de Yuntai, apresentavam nomes de aves nos seus títulos. O governante do reino Tan terá respondido que a adopção de tais títulos era muito científica já que seguia, criteriosamente, o conhecimento que os antepassados da tribo possuíam dos hábitos e características das aves e da relação destas com a agricultura (*China em Construção*, 1992).

Os registos escritos chineses mais antigos sobre observação de aves estão gravados em oráculos de osso datados das dinastias Xia e Shang (do século XXI ao século XI a.C.). O *Livro das Odes (Shijing* 诗经), também designado por *Livro da Poesia* (2008), compilado durante o Período de Primavera e Outono (770-476 a.C.) contém descrições de 35 espécies de aves. *Erya* (尔雅), o mais antigo dicionário da China, provavelmente compilado entre a dinastia Qin (221-207 a.C.) e o início da dinastia Han (206 a.C.-220), descreve a ave como um animal com duas patas e penas.

A poesia e a pintura chinesas vêm glorificando em verso e reproduzindo no papel, até aos nossos dias, motivos diversos da natureza em que as flores e as aves são objecto de uma admiração e elevação muito especiais.

Na cultura japonesa, o culto das aves está igualmente presente na história do país. Na poesia, designadamente na do estilo *haiku*, que representa o refinamento último da tradição do Budismo Chan (Zen) na literatura do extremo oriente e concretamente na literatura do Japão, as aves e outros elementos da natureza são os temas centrais desta arte poética:

> Extingue-se o dia
> mas não o canto
> da cotovia
> (Matsuo Basho 松尾 芭蕉[5])

> Na fresca brisa da primavera
> a garça, um floco de neve
> voando sobre os pinheiros
> (Konishi Raizan 小西来山[6])

Também as lendas populares e a pintura no Japão exprimem, desde sempre, o culto pela natureza e a veneração pelas aves. Hokusai (1760-1849), conjuntamente com Hiroshige, foi um dos pintores de maior genialidade na história da pintura japonesa. Para além de pintar o quotidiano, muitas das vezes de uma forma irónica e caricatural, dedicou uma atenção muito particular à natureza e às diferentes espécies de aves e de outros animais.

A PEGA AZUL, A AVE DO ENCONTRO OCIDENTE-ORIENTE?

Haveria bondosas razões para acreditar que a pega azul, uma bela ave de cabeça preta, corpo bege rosado, asas azul celeste e cauda longa igualmente azul celeste (Carlson e Carlson, 1994; Gooders, 1996) tivesse sido trazida do Oriente pelos navegadores portugueses (Santos Júnior, 1968; Sacarrão, 1974) ou, quem sabe, pelos meninos embaixadores do Japão, em 10 de Agosto de 1584, como presente ao rei de Portugal, em Lisboa e/ou ao arcebispo, em Évora e/ou ao duque de Bragança, D. Teodósio II, em Vila Viçosa, que tinha a mesma idade desses jovens embaixadores, 16 anos. Nessa região, uma vez libertadas ou fugidas do cativeiro, teriam procurado as condições ecologicamente mais favoráveis para nidificar e se sedentarizar.

Curiosamente, a distribuição mais significativa desta ave é na região sul de Portugal e de Espanha. Em Portugal, a pega azul encontra-se nos pinhais da região de Setúbal, do rio Sado e em alguns pontos da costa alentejana, na fronteira entre Portugal e Espanha perto de Barrancos; no Algarve, especialmente nos campos de golfe e na Serra do Monchique; e, no Norte, ao longo do rio Douro, designadamente em localidades dos concelhos de Figueira do Castelo Rodrigo, Moncorvo e Freixo de Espada à Cinta (Santos Júnior, 1965; Carlson e Carlson, 1994; Canário, Filipe et al (2003).

Bian Jingzhao 边景昭 (ca. 1356-1428) "Três amigos e cem pássaros" (*San you bai qin* 三友百禽). Rolo vertical; tinta e cor sobre seda.

Porém, tal hipótese não reúne consenso entre os ornitólogos, dadas as diferenças de tamanho e coloração entre a subespécie ibérica e a subespécie da Ásia Oriental. Afirmam os que não aceitam tratar-se de uma espécie única, uma vez que 500 anos de contactos entre Portugal e a Ásia é um período de tempo manifestamente insuficiente para provocar alterações tão significativas entre as duas subespécies.

SIMBOLOGIA

No ano 2000 foram descobertos em Gibraltar, juntamente com restos mortais de homens do Neanderthal, fósseis de uma ave com mais de 44 mil anos, que sugerem ser de uma pega azul (Cooper, 2000). As colónias de pegas azuis mais próximas encontram-se nos pinhais de La Algaida, no município andaluz de Sanlúcar de Barrameda, situado em frente do Parque Natural de Doñana, junto às costas atlânticas do rio Guadalquivir.

Após terem sido efectuados testes de DNA, parece haver hoje a tendência para os ornitólogos considerarem que se trata de duas espécies separadas: a ibérica (*Cyanopica cooki*) e a da Ásia oriental (*Cyanopica cyanus*), embora provenientes de um antepassado comum (Kryukov, A. et al. 2004)

Tal espécie teria sido isolada em dois grupos, entre 20 mil e 100 mil anos a.C., no Pleistoceno ou nas últimas glaciações (c. 2 milhões a.C.- c. 12 mil a.C.), altura em que a Europa Central estava coberta de gelo e a glaciação se estendia até aos Himalaias, deixando os extremos do sudoeste da Europa e o Sudeste da Ásia como zonas habitáveis e separando assim as populações de pegas azuis.

Há concordância quanto ao género do nome da espécie, que segue David Gosselin (2002a). A *Cyana cyanopica* (Sibley e Monroe 1990, 1993) foi dividida em *Cyana cyana* e *Cyana cooki* (Fok et al. 2002) com base em pequenas diferenças morfológicas (tipo subespecífico) e uma diferença de 6,06% no DNA. Porém, tal diferenciação não foi aprovada pelo Grupo de Trabalho Taxonómico da BirdLife, isto é, embora este nível de diferenciação genética seja realmente elevado, o Grupo de Trabalho Taxonómico BirdLife considera que não é, por si só, motivo suficiente para assumir uma distinção de nível de espécie.[7] Será a pega azul, porventura, a ave do encontro Ocidente-Oriente?

Esta relíquia da avifauna da Península Ibérica não usufruiu, na altura, da parte da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, o merecido reconhecimento pelo valor científico e cultural que inegavelmente tem. É um valor patrimonial nacional inestimável e precioso, independentemente de ser ou não uma herança da nossa cultura renascentista. É, afinal, a ave nacional de Portugal, tal como os países onde nidifica a pega-azul têm as suas aves nacionais: Espanha, a águia-imperial-ibérica (*Aquila adalberti*); a China, o grou-de-crista-vermelha (*Grus japonica*) desde 2004 (muito contestado por sectores da sociedade chinesa por ter a designação científica de "japonica", preferindo estes a escolha do pardal-montês (*Passer montanus*) como ave nacional); o Japão, o faisão-verde (*Phasianus versicolor*); a Coreia, a pega-da-Coreia (*Pica pica sbp. Sericea*); a Mongólia, o falcão-sacre (*Falco cherrug*).

Contudo, ela, a pega azul, continuará, e esperemos que por muitos e bons anos, com o azul celeste das suas asas e cauda, pincelando os céus e as copas dos pinhais do sul de Portugal e das margens do Douro, indiferente à indiferença. Com a mesma simplicidade e despojamento de alma dos gansos selvagens no poema Zen, da colectânea japonesa *Zenrin Kushu* 禪林句集, do século XV, que "não procuram mirar-se nas águas e as águas não pensam reflectir as suas imagens" (Shibayama, 2001: 12,89)

A experiência do belo, como escreveu Hubert Reeves, no seu maravilhoso livro Malicorne, reflexões de um observador da Natureza (1990), começa por ser uma experiência íntima entre o eu e o universo e é ao universo que devemos, ao mesmo tempo, a possibilidade interior de admirarmos o belo e os elementos exteriores da beleza a admirar, qualquer que seja a sua origem. O refinamento cultural de um povo mede-se muito pelo modo (e extensão, também) como ele se reconcilia com a natureza. Ou, simplesmente, no caso de Portugal, com uma ave tão simples, mas tão bela como a pega azul, a sua ave nacional. RC

NOTAS

1 Antigo símbolo solar, utilizada nas heráldicas e nos brasões, a águia de duas cabeças representa os impérios de Roma (ocidentais e orientais), donde uma cabeça está voltada para Roma, a Oeste, enquanto a outra está para Bizâncio, a Leste. Nas antigas civilizações da Ásia Menor, a águia bicéfala representava o símbolo do poder supremo. Disponível em http://www.dicionariodesimbolos.com.br/aguia/

2 http://www.birdlife.org/

3 http://eos.kokugakuin.ac.jp/modules/xwords/entry.php?entryID=280

4 "Chinese phoenix: Auspicious bird rising from ashes". *China Daily*, 04-03-2011. Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/life/2011-03/04/content_12117413.htm

5 Lucier Stryk; Takashi Ikemoto (eds. e trads.), *The Penguin Book of Zen Poetry*. Harmondsworth: Penguin, 1981, p. 88.

6 Kenneth Yasuda, *The Japanese Haiku*. Tokyo: Charles E. Tuttle Company, 1958. p. 186.

7 http://www.birdlife.org/datazone/speciesfactsheet.php?id=5735.

SYMBOLOGY

BIBLIOGRAFIA

Barreto, Luís Filipe. *Caminhos do Saber no Renascimento Português*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.

——. *Damião de Goes: Os Caminhos de um Humanista*. Lisboa: CTT Correios de Portugal, 2002.

——. *Portugal, Mensageiro do Mundo Renascentista*. Lisboa: Quetzal Editores, 1989.

Xu Yuanchong 許淵冲 (trad.). *Book of Poetry*. Changsha: Hunan Publishing House, 2008.

Bragança, D. Carlos de. *Catalogo Illustrado das Aves de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. 2 vols., 1903-1907.

Canário, Filipe *et al.* "The Nestling Diet of the Iberian Azure-Winged Magpie *Cyanopica Cyanus Cooki* in Southeastern Portugal". *Ardeola* 49 (2), 2003, pp. 283-286.

Carlson Kevin, Carlson, Christine. *À Descoberta das Aves de Portugal*. Lisboa: Lello & Irmãos, 1994.

Cenci, Guilherme João. *O Infinito Flexionado no* Livro das Aves. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

Cheng Tso-Hsin 郑作新 (ed.). *A Complete Checklist of Species and Subspecies of the Chinese Birds*. Beijing: Science Press, 2000.

Comte, Fernand. *Les grandes figures des mythologies*. Paris: Larousse, 1997.

Cooper J. C. *Dictionary of Symbolic And Mythological Animals*. Londres: Thorsons Publishers, 1995.

——. "First Fossil Record of Azure-winged Magpie *Cyanopica cyanus* in Europe". *Ibis*, 142 (1), 2000, pp. 150-151.

Dias, Aida Fernanda. "Um presente régio". *Humanitas*, vol. XLVII, 1995, pp. 685-719.

Encyclopedia of World Mythology. Farmington Hills: Gale-Cengage Learning, 2009.

Fang Lili. *Chinese Ceramics*. Beijing: China International Press, 2005.

Fok, Koon Wah; Wade, Christopher M.; Parkin, David T. 'Inferring the phylogeny of disjunct populations of the azure-winged magpie *Cyanopica cyanus* from mitochondrial control region sequences'. *Proceedings of the Royal Society* (Londres), Vol. 269, no.150, August 2002, pp. 1671-1679.

França, Paula. Apresentação da Exposição "Certaria, uma Arte Medieval". Coimbra: Arquivo Histórico Municipal de Coimbra, 1998.

Góis, Damião de. *Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1749.

Gooders, John. *Guia de Campo das Aves de Portugal e da Europa*. Lisboa: Temas e Debates, 1996.

Hackin. J. *Asiatic Mythology 1932*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2005.

Janeira, Armando Martins. *O Impacte Português sobre a Civilização Japonesa*. Lisboa: D. Quixote, 1970.

Kryukov, A.; Iwasa, M. A.; Kakizawa, R.; Suzuki, H.; Pinsker, W.; Haring, E. "Synchronic east-west divergence in azure-winged magpies (*Cyanopica cyanus*) and magpies (*Pica pica*)". *Journal of Zoological Systematics and Evolutionary Research* 42 (4), 2004, pp. 342-351.

Lewis, Zenrin (ed.). *Zen Grove Handbook*. Trad. de *Zenrin Kushu*. Ed.Shibayama Zenkei. Jacksonville: Zen Sangha Press, 2001.

Martins, Roberto de Andrade. "O rinoceronte de Dürer e suas lições para a historiografia da ciência". *Filosofia e História da Biologia*, São Paulo, 9 (2), 2014, pp. 199-238.

Silva, Rosa Virgínia Mattos; Machado Filho, Silva Américo Venâncio Lopes. "Fontes para o conhecimento da língua portuguesa de trezentos: Os mais antigos manuscritos portugueses existentes no Brasil". *In* Massini-Cagliari, Gladis; Muniz, Márcio; Sodré, Paulo (orgs.). *Série Estudos Medievais 2: Fontes*. Araraquara: ANPOLL, 2009, pp. 189-202.

Menino, Pero. *Livro de Falcoaria*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. Disponível em: http://www.apfalcoaria.org/patrim%C3%B3nio/patrim%C3%B3nio-em-portugal/item/178-livro-de-falcoaria-de-pero-menino.

Münzer, Jerónimo. *Viaje por Espana y Portugal (1494-1495)*. Madrid: Polifemo, 2002.

Reeves, Hubert. *Malicorne: Reflexões de um Observador da Natureza*. Lisboa: Gradiva, 1990.

Rocha, Rui. "Chan, a clara virtude do budismo chinês". In *Macau*, 2.ª série, 68, 1997.

Rossi, N. (dir.). *Livro das Aves*. Fac-símile do manuscriro do século XIV. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1965.

Sacarrão G. F. "Acerca de alguns aspectos problemáticos da ecologia geográfica de *Cyanopica cyanus* (Pallas) (Aves: Corvidae)". *Estudos sobre a Fauna Portuguesa* 1, 1974, pp. 1-88.

Santos Júnior, J. R dos. *A Colónia da Pega Azul na Barca d'Alva*. Porto: Faculdade de Ciências do Porto, 1965.

Sibley, C. G.; Monroe, B. L. *Distribution and Taxonomy of Birds of the World*. New Haven: Yale University Press, 1990.

——. *A Supplement to Distribution and Taxonomy of Birds of the World*. New Haven: Yale University Press, 1993.

Shimano, Eido. *Zen Grove Handbook*. Tucson: Zen Sangha Press, 2001.

Sung Hou-mei (2009). *Decoded Messages. The Symbolic Language of Chine Animals Painting*. New Haven: Yale University Press.

Williams, C. A. S. *Chinese Symbolism and Art Motifs*. Tóquio: Tuttle, 2006.